

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Porantim nº 21

Class.: 44

Data: 08.80

Pg.: _____

CRONOLOGIA DA LUTA

1920 — Pelo decreto 5.446, de 10.12.1920, o Governo do Estado de Minas Gerais doa à União uma área de 4.000 hectares, situada na margem esquerda do rio Doce, no município de Resplendor, para ser ocupada principalmente pelos povos **Pojicha** e **Krenak**, que já ocupavam a área não se sabe desde quando. Neste ano foi instalado o Posto Indígena Guido Marlière, para onde se transferiram, em 1926, vinte e dois **Krenak**.

1942 — pesquisas revelam a existência de 59 indígenas no Posto Indígena.

1958 — Parece ainda haver alguma assistência por parte do órgão tutelar. A partir daí a falta de assistência é total.

1969 — É criado o Reformatório Agrícola Indígena, nome ironicamente dado à prisão localizada no rio Doce.

1970 — A área do Posto Indígena está quase que totalmente tomada por fazendeiros e a FUNAI entra na justiça com Ação de Rein-

tegração de Posse. O filho do então ditador Garrastazu Médici, Sr. Sérgio H. Médici, manda sustar a ação de despejo alegando que os **Krenak** e **Pojichas** encontram-se extintos.

1972 — É legalizada a doação da Fazenda Guarani à FUNAI e não aos **Krenak**. A operação transferência começou no dia 9 de dezembro de 1972 e terminou no dia 24, tendo o capitão Manoel dos Santos Pinheiro chefe da Ajudância do PI declarado que os **Krenak** aceitaram "pacificamente" a mudança, o que não aconteceu. O capitão PM Manoel dos Santos Pinheiro foi acusado pelos **Krenak** de ter recebido muito dinheiro para promover a troca de terras. Fala-se inclusive que teria uma fazenda dentro da área indígena.

1980 — Retorno a Resplendor. Reinício. Cultivo do idioma e das tradições **Krenak**. Apelo à solidariedade de outros povos para que não sejam exterminados.

KRENAK: A VOLTA AO RESPLENDOR

José Alfredo, cacique **Krenak**, mesmo adoentado com suspeita de tuberculose e Laurita Maria **Krenak** foram os dois representantes desta nação presentes à 14ª. Assembléia Nacional de Chefes Indígenas realizada em Brasília. Eles comoveram a assembléia denunciando a situação em que se encontram.

"A FUNAI tirou nós de lá, deu nossa terra pra fazendeiro e jogou nós na "Fazenda Guarani" (presídio indígena). Nós pedimos pra voltar e a FUNAI não deixou. Então, nós voltamos assim mesmo ao **Krenak**. Agora a FUNAI nem conhecimento quer tomar, não quer botar nossas coisas lá no **Krenak**. Já tem quase dois meses que nós tamos lá e nenhuma providência a FUNAI tomou. Espero que esse encontro dê algum resultado pra nós" declarou o cacique José Alfredo.

"QUEREMOS APOIO"

Os **Krenak**, últimos descendentes dos **Botocudos** de Minas Gerais, estão de volta às suas terras no Resplendor. Eles juraram que não ficariam mais presos na Colônia Penas ("Fazenda Guarani") em Carmésia, juntamente com remanescentes dos **Pataxó**, **Pankararé**, **Guarani** e **Xerente**, onde inclusive são frequentes conflitos intertribais estimulados pela própria FUNAI.

Transferidos à força, em 1972, os 49 **Krenak**, durante todo esse tempo não pensaram em outra coisa, senão em voltar para o Resplendor, onde as terras são mais férteis e sobretudo onde moraram, desde tempos imemoriais, os seus avós. Depois de apelos inúteis à FUNAI, os **Krenak** tomaram a iniciativa do retorno em maio deste ano. Alguns ficaram ainda esperando a colheita do que plantaram na Colônia Penal "Fazenda Guarani", mas, logo se juntaram aos seus irmãos.

Agora, na assembléia, o líder José Alfredo exige a garantia de que nunca mais serão expulsos de suas terras e para tanto pediu o apoio de outras nações indígenas.

NO RETORNO, A ESPERANÇA

José Alfredo denunciou como, em 1972, o líder Joaquim Isidório resistiu à transferência para a colônia penal. Ele foi levado algemado, a contra gosto, o que lhe destruiu a saúde física e mental. Esta resistência no passado estimulou agora o retorno sob a liderança de José Alfredo que conduziu três homens adultos, três mulheres com crianças de peito, duas mulheres com mais de 60 anos, uma mulher solteira e 16 crianças à terra prometida. Eles encontraram o antigo lugar de morada semi-destruído pelo abandono e pelas últimas enchentes, e com menos coqueiros, a maioria dos quais foram plantados pelos seus próprios avós. Agora, eles estão lá e resistem.